

## NOTAS SOBRE A QUESTÃO DA INDIVIDUALIDADE HUMANA EM MARX: UM CONVITE A PESQUISA

Betânia Moraes<sup>1</sup>

Susana Jimenez<sup>2</sup>

### Resumo

O objetivo principal do artigo é trazer para o debate a questão da individualidade na obra de Marx, esboçando alguns elementos analíticos sobre o tema. Assim, após discorrer sobre a individualidade humana como complexo categorial ontológico na obra marxiana, usando de empréstimo o lineamento traçado por Lukács, o artigo adentra sobre o processo de complexificação das individualidades na sociabilidade capitalista. Ademais, problematiza sobre as estratégias hodiernas articuladas para produzir as adequadas disposições ideológicas nos trabalhadores necessárias à adesão ao projeto do capital, destacando como tais estratégias atingem, sobremaneira, o espaço da produção teórica. Por fim, aponta o desafio de recuperar o necessário e devido entendimento da questão do indivíduo na obra marxiana, com particularidade, em O Capital, entendimento esse crucial para a compreensão do processo histórico social e, por conseguinte, do devir humano.

**Palavras-chaves:** Individualidade humana; ontologia marxiana; devir humano.

## NOTES ON THE QUESTION OF INDIVIDUALITY IN MARX: A RESEARCH INVITATION

### abstract

The main objective of the article is to discuss the question of individuality in the compound of Marx's works, bringing about some analytical elements on the subject. Thus, tagging along the path mapped out up by Lukács, it discusses the Marxian meaning of individuality as an ontological complex, to, later, point out the

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Professora do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Pesquisadora do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário – IMO/UECE. E-mail: [betania.moraes@uol.com.br](mailto:betania.moraes@uol.com.br)

<sup>2</sup> Pós-Doutora em Educação. Professora do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará – CED/UECE. Professora colaboradora da Universidade Federal do Ceará – UFC. Diretora do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário – IMO/UECE. E-mail: [susana\\_jimenez@uol.com.br](mailto:susana_jimenez@uol.com.br)

process of complexification of individualities in capitalist sociability. It goes on to state the strategies presently operated by the system to engender, among the workers, the adequate ideological dispositions, required to comply with capital's project, emphasizing, moreover, to what extent such strategies reach the field of theoretical production. Finally, the article points out the challenge to retrieve the appropriate and necessary understanding of the question of individuality in Marx's works, particularly, in the context of *The Capital*, a crucial, step towards the comprehension of socio-historical process, and, therefore, that of human upcoming.

**Key words:** Marxian ontology; individuality; human upcoming.

O objetivo principal do artigo é trazer para o debate uma questão polêmica na obra de Marx: a problemática da individualidade humana. Não temos como intento tratar de forma amíúde o tema em pauta, mas, sobretudo, esboçar alguns elementos analíticos sobre a questão.

O complexo categorial da individualidade humana, como já anunciado, é considerado objeto polêmico na obra marxiana. Os críticos do marxismo afirmam estar a temática da individualidade e da subjetividade sufocada no projeto histórico pensado por Marx, mormente nos termos de *O Capital*, à medida que este teria elegido o complexo da economia – produção e relações de produção, entendidas no sentido puramente economicista – como instância resolutive para a construção da vida e da história humana. Tal argumento se ancora vulgarmente, e em larga medida, no fato de sua obra de maturidade ser considerada estritamente um tratado de economia política. Nesses termos, se Marx teria analisado o papel do indivíduo na história, análise essa presente de forma não sistemática em seus escritos de juventude, tal temática estaria soterrada em *O Capital*.

Contrapondo-se às interpretações de caráter economicista, determinista, positivista e dogmático da obra marxiana fundadas no imperialismo gnosiológico ou epistêmico que dominou a marxologia nas últimas décadas (CHASIN, 1995), posicionamo-nos ao lado dos estudiosos que entendem que o caminho mais adequado para o resgate do caráter revolucionário do marxismo implica em apreender o legado de Marx como uma ontologia do ser social, tributando o desvelar da identidade ontológica da reflexão marxiana ao marxista húngaro George Lukács.

Partimos, pois, do princípio de que Marx instituiu um novo limiar de racionalidade, lançando os fundamentos de uma ontologia do ser social portadora de uma concepção radicalmente nova e superior de compreender o mundo e, portanto, de fazer ciência e filosofia. Consideramos assim, do ponto de vista do trabalho, sua arquitetura reflexiva, seu legado, o patamar de conhecimento mais elevado que a humanidade produziu até hoje. Nesse sentido, entendemos que o desvelamento do conjunto da obra de Marx, largamente incompreendido, se constitui imprescindível para enfrentar o embate acadêmico com os críticos do marxismo.

Como o complexo categorial da individualidade humana, em Marx, não se encontra consubstanciado em uma obra específica, entendemos que ela só pode ser corretamente captada como complexo categorial ontológico. Vejamos.

O lineamento ontológico do pensamento marxiano tem no processo de autoconstrução do homem seu fio condutor, cujo ato ontológico-primário é o trabalho<sup>3</sup>, revelando, contra todo filosofar anterior, que o indivíduo é essencialmente ativo por um imperativo ontológico-prático. Tendo, então, seu momento fundante no ato de trabalho, o ser social não se esgota nele, pois os atos de trabalho, como bem explicitou Lukács (1981), com e a partir de Marx, impulsionam sempre e necessariamente para além deles mesmos, surgindo outros momentos específicos da atividade humana que mantêm com ele uma dependência ontológica e determinação recíproca. Nesse complexo de relações se tece a substância do ser social, tão bem explicitada na formulação lukacsiana, como um *complexo de complexos*.

Nesse sentido, apreender o processo de complexificação das individualidades ao longo do evoluir histórico requer compreender os nexos e as conexões ontológicas que operam no interior da síntese que transforma em individualidade, as múltiplas, complexas e contraditórias formas de interação do indivíduo com o seu meio, uma vez que a determinação reflexiva entre reprodução dos indivíduos singulares e reprodução da totalidade social marca a natureza bipolar da reprodução do ser social. Em outras palavras, não há desenvolvimento social que não implique, de algum modo, também o desenvolvimento dos indivíduos e vice-versa, o desenvolvimento dos indivíduos é uma *necessidade e possibilidade* postas

---

<sup>3</sup> Cf. de forma melhor desenvolvida essa premissa, em nosso estudo, *Trabalho e individuação*. In. NETO, Enéas Arrais et al. (Orgs) (2002).

pela reprodução social. Por isso a reprodução da sociedade e a reprodução do indivíduo são dois pólos do mesmo processo, isto é, são momentos distintos, porém sempre articulados, da reprodução social (LUKÁCS, 1981).

Como determinação deste complexo, temos, no desenvolvimento do processo histórico, o gênero humano se construindo cada vez mais como genérico e social, solo no qual se constituem individualidades cada vez mais complexas.

Consideramos oportuno precisar, e isso é fundamental, que individualidade e subjetividade em Marx são complexos distintos. Dizendo de outro modo, são complexos portadores de processualidades distintas, que guardam entre si uma autonomia relativa, no entanto, e ao mesmo tempo, intrinsecamente articuladas.

De acordo com o legado marxiano, o complexo da individualidade está onto-historicamente articulado ao complexo da genericidade, ou seja, a individualidade humana se faz na relação com o outro, e, portanto, mediatamente, na relação com o gênero; por sua vez, é exatamente a interação entre os indivíduos, nos diferentes níveis que esta se dá, que conforma uma dada sociabilidade.

Por conseguinte, os complexos individualidade e genericidade são constituídos, são autoengendrados na relação objetividade-subjetividade que matriza a substância do ser social. Em poucas palavras, sendo a reprodução no mundo dos homens marcada essencialmente pela transformação da natureza pelo trabalho, a síntese de tal tessitura – teleologia/subjetividade e causalidade/objetividade, através de atos conscientemente orientados, implica, necessariamente, por um lado, os indivíduos construir a si próprios enquanto individualidades ao mesmo tempo que constroem a totalidade social, uma história e um mundo humanos cada vez mais determinados pelos atos de seus sujeitos e cada vez menos determinados pelas leis naturais.

Visto que a complexificação das relações sociais requer para seu desenvolvimento a complexificação das individualidades, isto é, individualidades crescentemente articuladas e capazes de atos sociais cada vez mais complexos, mediados, a consciência, enquanto órgão e médium da subjetividade (LUKÁCS, 1981), consitui-se o nexó ontológico entre essas duas distintas processualidades e,

ao mesmo tempo, intrinsecamente articuladas – generidade humana e individualidade.

Vale realçar, no entanto, que, assim como na natureza, a história dos indivíduos não é idêntica à história do gênero humano, porém, diferentemente da esfera orgânica, no ser social, o gênero e a individualidade se tornam crescentemente conscientes dessa diferenciação, de modo a adotar alternativas práticas que afastam ou aproximam generidade humana e individualidade.

A esse respeito são muito expressivas duas passagens em Marx que explicitam essa determinação ontológica fundamental, entre reprodução da totalidade social e reprodução dos indivíduos, constitutiva da individualidade humana. No *Terceiro Manuscrito de 44*, ao tratar dos sentidos e das qualidades individuais que se fizeram humanos, chamados enquanto tais de “forças essenciais do homem”, esclarece que em:

Cada uma de suas relações *humanas* com o mundo – ver, ouvir, cheirar, saborear, sentir, pensar, observar, perceber, querer, atuar, amar – em resumo, todos os órgãos de sua individualidade, como os órgãos que são imediatamente coletivos em sua forma, são, em seu comportamento *objetivo*, em seu *comportamento para com o objeto*, a apropriação deste [acrescentando em nota que a manifestação da *efetividade humana*] É, por isto, tão múltipla quanto múltiplas são as *destinações essenciais* e as *atividades* do homem (MARX, 1993, p. 67).

Na *A Ideologia Alemã*, elucida que

Tal como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles. O que eles são coincidem, portanto, com sua produção, tanto com o que produzem, como com o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção (MARX, 1984, p. 59).

Como o exame marxiano sustenta, é no ato do trabalho que os homens além de produzirem os produtos materiais necessários à reprodução de sua existência física, lá também reproduzem uma determinada forma de interatividade – o modo de produção vigente a cada momento histórico se constitui sob a base de relações de produção específicas – conseqüentemente uma determinada forma de existência comum resulta da produção objetiva dos homens.

Assim, no processo de tornar-se homem do homem, vão se constituindo certos traços que se põem como elementos essenciais e inelimináveis do ser social.

E a identificação desses traços é da maior importância porque eles permitirão identificar, em cada momento histórico, quais as objetivações que são – no todo ou em parte – positivas ou negativas para a autoconstrução humana (TONET, 2005). Na bela e feliz síntese de Chasin (1995, p. 419) as individualidades são “[...] geradas em tempos e lugares sociais, diante da processualidade entificadora das *coisas* materiais e espirituais, igualmente societárias”.

Na sociabilidade capitalista as individualidades, assim como as forças produtivas, atingiram um grau de complexidade inegavelmente superior às formas de sociabilidade que a antecederam. Tal devir humano, como a análise marxiana esclarece, é um movimento de autoprodução instaurado na lógica imanente à atividade vital humana, ao trabalho, cujo cerne dessa processualidade autoconstitutiva é a dinâmica atividade-carecimento<sup>4</sup>.

No entanto, se, por um lado, na sociabilidade capitalista as objetivações positivas criaram riquezas materiais e espirituais num patamar inegavelmente superior, por outro lado, criam objetivações negativas que hodiernamente colocam a vida de toda a humanidade em risco. Tal fenômeno tem como onto-gênese o fato de que os atos humanos, ou, conforme Lukács (1981), as *escolhas entre alternativas*, geram um *período de conseqüências* que terminam por se transformar em obstáculos ao desenvolvimento humano, ao invés de impulsioná-lo.

Contemporaneamente, não é demais repetir, as objetivações negativas atingiram um patamar que coloca em risco a vida humana. Noutras palavras, o capitalismo passa atualmente por uma crise em sua estrutura que difere substancialmente de suas crises cíclicas anteriores. Esta atinge diretamente toda a sociedade humana, pois ela é contínua, intensiva, rastejante, global e universal. Ou seja, está atingindo todos os setores da sociedade, todos os países do mundo, e cada vez mais se intensifica. Como afirma Mészáros (2000, p. 7) “vivemos na era de uma crise histórica sem precedentes [...]. Como tal, esta crise afeta – pela primeira vez em toda história – o conjunto da humanidade”.

---

<sup>4</sup> Esse movimento cria novas necessidades e novas possibilidades, impulsionando, direta ou mediadamente, a um novo patamar de desenvolvimento tanto das forças produtivas - motor da formação e transformação social, das condições objetivas da existência - quanto das capacidades humanas - motor do processo de complexificação das individualidades. Para uma análise mais detalhada desse processo conferir TEIXEIRA, Paulo Tomaz Fleury. A Individualidade humana na obra marxiana de 1843 a 1848. In. **Ensaio Ad Hominem** - N.1. Tomo I - Marxismo. São Paulo: Estudos e Edições *Ad Hominem*, 1999.

Como resposta à crise estrutural enfrentada pelo capital, empreendeu-se um processo de reorganização do capital e de seu sistema ideológico e político de dominação passando-se a praticar uma forma de envolvimento manipulatório levado ao limite (MÉSZÁROS, 2003). Noutros termos, o capital em crise arquitetou um plano de obra que combinou tanto medidas de estabilização financeira e de ajustes estruturais, quanto ações ideológicas, que visam à ampliação e intensificação dos espaços e condições de exploração do trabalho, com vistas à recuperação de seus níveis ótimos de acumulação.

Sob o poder sócio-metabólico destrutivo do capital as individualidades são premidas a subordinar-se de tal forma aos interesses do sistema em crise – mecanismo manipulatório esse tão necessário à estabilidade política do capital, ou seja, a sua governabilidade com um grau mínimo de segurança (LEHER, 1999), que presenciamos, a partir do final da década de 80 do século findo, um profundo refluxo do movimento revolucionário da classe trabalhadora e o conseqüente abandono do projeto de emancipação humana.

As estratégias meticulosamente pensadas para produzir as adequadas "disposições ideológicas" nos trabalhadores necessárias à adesão ao projeto do capital, atingem, sobremaneira, o espaço da produção teórica<sup>5</sup>.

A esse respeito são muito esclarecedoras as análises de Tonet (2005). Com o advento da modernidade, recupera o professor, a objetividade (o ser) como eixo de conhecimento greco-medieval foi abandonada e substituída pela subjetividade:

Após a vitória da revolução burguesa, porém, a necessidade de assegurar o caráter positivo (conservador) da nova ordem social teve como conseqüência a ampliação cada vez maior desse fosso entre a consciência [subjetividade] e a realidade efetiva [objetividade], conferindo à ação e à razão um caráter cada vez mais manipulatório (ibidem , p. 43-44).

---

<sup>5</sup> Tumolo (2005, p.08) no artigo *O percurso da produção em 'Trabalho e Educação': esboço para a discussão de suas marcas e de suas perspectivas* levanta como hipótese que a produção brasileira no campo Trabalho e Educação, acompanhou em linhas gerais, o movimento que ocorreu na base material e na luta de classes: "[...] é possível observar que ao período de ascenso da luta da classe trabalhadora no Brasil no final dos anos 1970 e durante os anos de 1980 corresponde as análises, no âmbito do 'campo' Trabalho e educação, que buscavam articular a educação com a estratégia revolucionária, quaisquer que fossem suas matizes e limites, e o período posterior, da última década do século passado, adentrando no atual, de refluxo e flagrante derrota da classe trabalhadora é concernente à época em que, no 'campo', as análises acerca da relação entre educação e revolução foram perdendo espaço e se arrefecendo".

Tal perspectiva da subjetividade da modernidade assentada na compreensão de natureza a-histórica do ser social, guardiã da cientificidade burguesa, levou, por via de conseqüência, ao hiperdimensionamento do papel da subjetividade, na expressão utilizada pelo estudioso, à “hipercentralidade da subjetividade”. Esse fenômeno, na esfera do conhecimento se consubstancia na gênese das concepções pós-moderna, nas suas diferentes facetas, que pregam a morte do sujeito como demiurgo da história humana, bem como a recusa, total ou parcialmente, ao caráter universal da racionalidade filosófico-científica, que tem na totalidade social sua matriz.

Tonet (2005, p. 47-48) recupera, ainda, que o marxismo não escapou a essa centralidade e hipercentralidade da subjetividade e as conseqüências disso são extremamente danosas para a empreitada revolucionária:

A essa centralidade e hipercentralidade da subjetividade também não escapou o marxismo. Como resultado da conjugação de diversos fatores objetivos e subjetivos, a que, por brevidade, não podemos nos referir aqui, a elaboração marxiana não foi compreendida como tendo um caráter ontológico [...]. Nesse passo, o marxismo foi empobrecendo e perdendo a sua marca distintiva, que era seu caráter radicalmente crítico. Radical, porque tinha como base a captura do processo real até sua raiz. Em conseqüência, foi se aproximando cada vez mais da perspectiva da cientificidade burguesa que, como vimos, está marcada pela centralidade da subjetividade. Apenas para exemplificar, a aceitação do pluralismo, tanto metodológico como político, pela ampla aceitação dos marxistas, incapazes de encontrar o verdadeiro *tertium datur* entre dogmatismo e pluralismo, é uma clara demonstração do que afirmamos.

Na contramão dos acontecimentos vigentes, argumenta o referido professor,

[...] se se quer dar conta dos complexos problemas que a transformação radical do mundo atual implica, então é preciso ir fundo na crítica das deformações e extravios sofridos pelo marxismo. Para isso, o resgate do espírito original - intrinsecamente crítico - do pensamento de Marx, é condição imprescindível” (TONET, 2001, p.10).

Esse argumento, e isso é da maior importância, não é solitário, a título de outro exemplo, a lúcida indagação de Mészáros (2003) “o século XXI: socialismo ou barbárie?” evidencia que na história humana nunca foi tão imperativo pensar sobre e fazer a revolução.

## Conclusão

Por fim, e aqui fica o convite e o desafio para o aprofundamento analítico do tema em foco: compreender as bases ontológicas da individualidade, seu processo de complexificação, mormente, seus contornos marcados pelas objetivações positivas e negativas instauradas no curso da sociabilidade capitalista, bem como os nexos que operam nessa processualidade que apontam para além do capital, os quais precisam ser apreendidos como tarefa revolucionária.

Entendemos que essa tarefa passa por recuperar o necessário e devido entendimento da questão do indivíduo na obra marxiana, entendimento esse crucial para a compreensão do processo histórico social e, por conseguinte, do devir humano.

Em particular, o desafio volta-se para *O Capital*, visto que significativos trabalhos sobre a individualidade em Marx já foram desenvolvidos, no entanto, uma pesquisa sistemática sobre a temática na referida obra de maturidade ainda é tarefa a ser cumprida.

## Bibliografia

CHASIN, J. Posfácio. In. TEIXEIRA, Francisco José Soares. **Pensando com Marx**: uma leitura crítico-comentada de O Capital. São Paulo: Ensaio, 1995.

LEHER, Roberto. Um novo senhor da educação? a política educacional do Banco Mundial para a periferia do capitalismo. In. **Revista Outubro**. N. 3. São Paulo: Instituto de Estudos Socialistas, 1999.

LUKÁCS, Georg. *La riproduzione*. [trad. Sérgio Lessa]. In: **Per l'ontologia dell'essere sociale**. Vol. II\*, 1 ed. Roma: Editora Riuniti, 1981 (texto mimeog., s/d)

\_\_\_\_\_. *Il lavoro*. [trad. Ivo Tonet]. In: **Per l'ontologia dell'essere sociale**. Vol. II\*, 1 ed. Roma: Editora Riuniti, 1981. (texto mimeog., s/d)

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Lisboa, Edições 70, LDA, 1993.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1984.

MÉSZÁROS, István. A Crise Estrutural do Capital. In. **Revista Outubro**. N. 4, São Paulo: Instituto de Estudos Socialistas, 2000.

\_\_\_\_\_. **O século XXI: socialismo ou barbárie?**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

TONET, Ivo. **Qual marxismo?**. Disponível em: [http://www.geocities.com/ivotonet/arquivos/Qual\\_marxismo.pdf/](http://www.geocities.com/ivotonet/arquivos/Qual_marxismo.pdf/) Acesso em: 15 mar. 2006.

\_\_\_\_\_. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.